

ESTUDOS DE LINGUÍSTICA

VOLUME I

ANA R. LUÍS
COORD.



IMPRESA DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
COIMBRA UNIVERSITY PRESS

PARA O ENSINO DO “*PRESENT PERFECT*”
A ALUNOS FALANTES NATIVOS DO PORTUGUÊS EUROPEU

1. Introdução

Neste texto é feita uma reflexão sobre o valor semântico do “Present Perfect” (doravante designado PP) com vista à construção de estratégias de didatização adequadas ao ensino daquele tempo verbal a alunos falantes nativos do português europeu⁷⁴. Para tanto, reavaliam-se as propriedades do PP, designadamente na sua dimensão aspeto-temporal. Por outro lado, o perfil dos aprendentes e os fatores externos que configuram a situação de ensino-aprendizagem são igualmente analisados.

O facto de o PP ser um conteúdo gramatical que faz parte dos programas de inglês a partir do 7º ano, nível III (isto é, o terceiro ano de aprendizagem da Língua Estrangeira I) em Portugal, e o facto de ser um tempo verbal com o qual professores e alunos se sentem desconfortáveis e inseguros justificam o interesse pelo tema e a necessidade de o discutir. Além disso, são muito escassos os estudos centrados neste tempo verbal na perspetiva do aprendente falante nativo de português, sobretudo de português europeu.

As dificuldades sentidas na aprendizagem (e no ensino) deste tempo verbal estarão, por um lado, certamente relacionadas com as especificidades deste tempo verbal, com dificuldades decorrentes da situação de contacto de línguas em questão e, ainda, com dificuldades do foro interno da população alvo. Por outro lado, a ideia tradicional, defendida na generalidade das gramáticas

⁷⁴ O presente trabalho corresponde a uma síntese da Dissertação de Doutoramento, intitulada “O Ensino do *Present Perfect* a alunos falantes nativos do português europeu”, apresentada à Universidade de Coimbra, em julho de 2010.

e manuais, de que o PP tem diversos valores semânticos em nada favorece a clareza e em nada contribui para ultrapassar as dificuldades referidas.

2. Pressupostos teóricos

114

2.1 Valor Semântico do Present Perfect

O “Present Perfect” é um tempo verbal problemático, logo à partida devido à dificuldade em inseri-lo numa esfera temporal. Apesar de existirem vários aspetos sobre os quais os diferentes autores que estudam o PP têm uma posição divergente, existe um que colhe unanimidade: tendo como moldura o estudo do sistema verbal inglês realizado por Reichenbach (1947), o PP descreve uma situação que, de alguma forma, é marcada por uma relação entre o passado e o presente, dado que, por um lado, o tempo de referência tem uma relação de sobreposição com o momento de enunciação e, por outro, se convoca uma eventualidade que teve início na esfera do passado. Contudo, segundo este autor (e grande número de outros que a ele se seguiram), a eventualidade descrita pelo PP localiza-se num intervalo de tempo anterior ao momento de enunciação e a posição que neste trabalho se defende é a de que o PP focaliza a consequência no presente dessa eventualidade e não a eventualidade em si.

Por razões que se prendem com a compreensão do PP, mas sobretudo tendo em mente a aplicação pedagógica dessa compreensão, neste trabalho é assumida uma teoria integradora dos diferentes usos do PP e, consequentemente, defende-se a conceção do PP como um tempo verbal que tem *um* determinado valor semântico.

A nossa proposta é fundamentada de forma mais elaborada por Moens (1987) e Kamp & Reyle (1993), mas outros autores também a subscrevem (cf. Smith 1991; de Swart 2000, 2007; e Steedman 2005, entre outros).

A teoria proposta por Moens (1987) e Kamp & Reyle (1993) tem como um dos seus alicerces o núcleo aspetual primeiramente apresentado por Moens (1987), mas também adotado, entre outros, por Kamp & Reyle (1993), autores do esquema que aqui se reproduz:

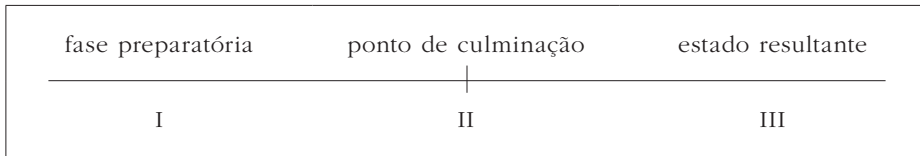


Figura 1 - Esquema tripartido

É com base neste esquema tripartido que autores como Moens (1987), Moens & Steedman (1988), Smith (1991) e Kamp & Reyle (1993) argumentam no sentido de que o PP focaliza um estado resultante (ou consequente, na terminologia de Moens). Aliás, já Comrie (1976) havia defendido que o sentido geral do PP era “the continuing relevance of a previous situation”, tendo ainda afirmado: “The Perfect looks at a situation in terms of its consequences” (Comrie 1976:64). A situação descrita pelo PP é representada pela fase III (embora a existência desta fase pressuponha a existência da fase II); às predicções estativas não se pode aplicar o esquema tripartido, mas Kamp & Reyle associam estas predicções a uma “culminação”⁷⁵, ou melhor a uma fronteira que ora marca o início do estado consequente, ora marca o fim da eventualidade que dá origem ao estado consequente. Deste modo, os princípios básicos da descrição semântica do PP são: (i) o PP focaliza a consequência de uma eventualidade e não a eventualidade em si; (ii) a consequência ou, por outras palavras, o estado resultante, inclui o momento da enunciação e a eventualidade que lhe dá origem ocorreu na esfera do passado; (iii) o estado resultante surge na sequência de uma culminação, razão pela qual os predicadores de “achievements” e de “accomplishments”⁷⁶ possuem as condições necessárias para se combinarem com o PP; relativamente às atividades e aos estados, é necessária a intervenção

⁷⁵ De realçar que, quando se trata de um predicador tético, a culminação é inerente ao predicador; quando estamos perante um estado, não se trata rigorosamente de uma culminação, é antes a terminação (evento pontual) do estado que dá origem a um estado resultante.

⁷⁶ Neste trabalho é usada a terminologia e a classificação aspetual de Vendler (1967).

de diferentes dispositivos linguísticos ou de contexto discursivo que consigam dotar a predicação de uma culminação com estado consequente⁷⁷.

Vejam os de que forma a exposição que acabámos de apresentar se aplica a enunciados aspetualmente distintos. Começemos por analisar o exemplo (1) em que a estrutura predicativa é tética e dá origem a um estado resultante:

116 (1) Max has built a house. (Moens 1987:70)

“Construir uma casa” é um sintagma verbal que denota um “accomplishment”. Preenche, por isso, os requisitos para poder coocorrer com o PP, já que descreve uma situação que contém um ponto de culminação, a partir do qual se configura uma consequência:

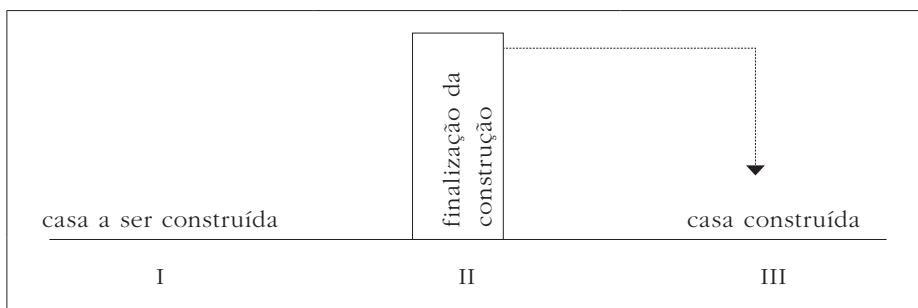


Figura 2 - Aplicação do esquema tripartido ao exemplo (1).

Quanto aos predicadores basicamente estativos, Kamp & Reyle (1993) assentam sobretudo a sua reflexão no facto de estes predicadores representarem situações que não envolvem a fase II do esquema tripartido e, conseqüentemente, também não envolvem a fase III. Por esta razão, Kamp & Reyle consideram as predicções estativas um caso à parte, não lhes aplicando o esquema tripartido. No entanto, estes autores reconhecem que “stative verbs admit the perfect just as readily as non-statives” (Kamp & Reyle 1993:567), mas referem também que “English perfects of stative verbs can be used in

⁷⁷ Trata-se de uma classificação aspetual dinâmica, na medida em que essa classificação é determinada pela interação de diversos fatores, entre eles a estrutura argumental, a coocorrência de adverbiais e aspetos de natureza pragmática.

two quite different ways” (Kamp & Reyle 1993:567). A estas duas maneiras, isto é, a estes dois tipos de leitura que um enunciado onde ocorre o PP pode ter, chamaremos “leitura prototípica” e “leitura idiossincrática” (do inglês)⁷⁸. Para ilustrar as duas leituras, Kamp & Reyle dão o seguinte exemplo:

(2) Mary has lived in Amsterdam for three years. (Kamp & Reyle 1993:567)

117

O exemplo (2) serve para demonstrar que um enunciado em que um predicador estativo está combinado com o PP pode ter (i) uma leitura que permite considerar-se que Mary ainda está, neste momento, a viver em Amesterdão (leitura idiossincrática) e (ii) uma outra leitura segundo a qual a Mary viveu nessa cidade durante um período de três anos, no passado (leitura prototípica). Neste último caso, o PP associa o predicador a uma eventualidade pontual que configura a fronteira final do estado e a fronteira inicial do estado consequente:

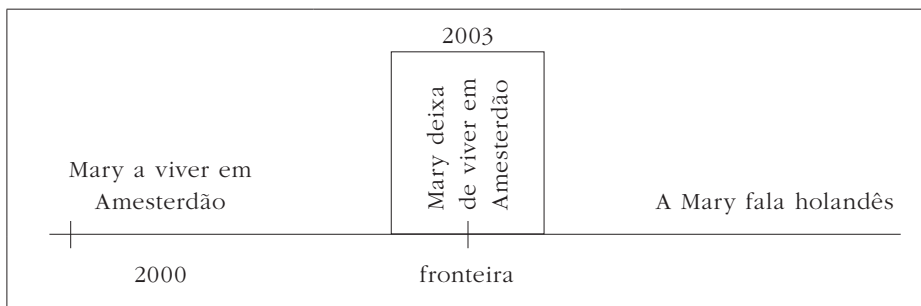


Figura 3 - Aplicação do esquema tripartido a um enunciado com leitura prototípica

⁷⁸ Recorremos à expressão “leitura prototípica” uma vez que o PP se combina prototípica e naturalmente com predicadores tólicos e a leitura decorrente de uma predicação tólica é a leitura em que a culminação marca o fim do evento ao mesmo tempo que marca o início do estado resultante.

Relativamente à expressão “leitura idiossincrática”, baseámo-nos, mais uma vez em Kamp & Reyle (1993:568) quando afirmam que “this use of the perfect proves to be the odd one out, for it appears to be something of an idiosyncrasy of English. Dito de outro modo, “leitura idiossincrática” será aquela que pressupõe que é o início do estado que dá origem ao estado resultante.

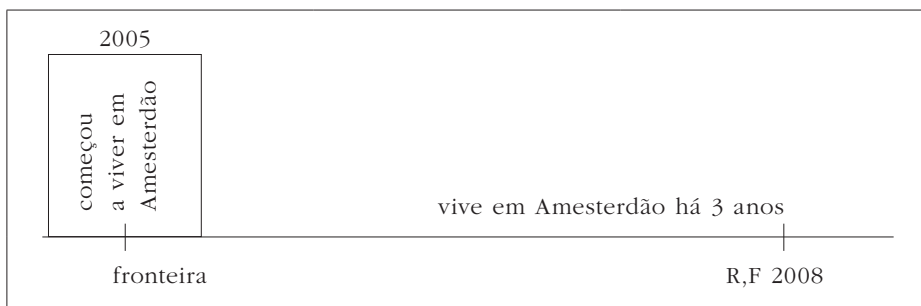


Figura 4 - Aplicação do esquema tripartido a um enunciado com leitura idiossincrática

Neste caso, o estado resultante é consequência do evento pontual que configura o seu próprio início e corresponde ao estado denotado pelo predicador. Podemos, assim, dizer que também nestes casos o estado consequente está associado a um evento pontual — o evento que configura o início do estado.

Kamp & Reyle (1993) descrevem os traços temporais e aspectuais do PP segundo o quadro que a seguir se apresenta⁷⁹:

⁷⁹ Neste quadro, a coluna A corresponde às designações dos tempos verbais; a coluna B diz respeito ao traço temporal que determina a relação entre o Ponto de Perspetiva Temporal e o momento de enunciação; a coluna C diz respeito à relação de ordem entre a eventualidade e o Ponto de Perspetiva Temporal, pelo que se refere ao tempo verbal, que pode ser Presente, Passado ou Futuro; a coluna D indica se se trata ou não de uma predicação estativa; a coluna E refere-se à existência ou não de um estado consequente.

A	B	C	D	E
Present	-PAST	pres	+STAT	-PERF
Simple Past	-PAST	past	+/-STAT	-PERF
	+PAST	pres	+STAT	-PERF
Present Perfect	-PAST	pres	+STAT	+PERF

Figura 5 - Traços tempororo-aspectuais de três tempos verbais ingleses (Kamp & Reyle 1993)

Relativamente ao tempo verbal em apreciação neste trabalho, a tradução deste quadro é a de que o PP (i) descreve um estado resultante (colunas D e E), (ii) representa uma relação de sobreposição com o momento de enunciação (coluna C), e que (iii) o seu Ponto de Perspetiva Temporal⁸⁰ é coincidente com o momento de enunciação (coluna B). Note-se que os valores temporais apresentados para o PP coincidem com os do “Present”, o que contribui para a assunção de que o PP é um tempo verbal da esfera do presente; é o traço aspetual [+PERF] (existência de um estado consequente) que o distingue do “Present”.

2.2 Tradução do “Present Perfect”

Apurado o valor semântico do PP, constatámos que não existe na língua materna da população alvo um tempo verbal com igual valor semântico e verificámos existirem mesmo três tempos verbais portugueses (sobretudo o Pretérito Perfeito Simples (PPS), mas também o Presente do Indicativo (PI) e o Pretérito Perfeito Composto (PPC)) que podem ser utilizados para traduzir enunciados onde ocorre o PP. De realçar ainda que o tempo verbal português morfologicamente correspondente ao PP é justamente aquele que, na tradução de enunciados onde ocorre o PP,

⁸⁰ O Ponto de Perspetiva Temporal corresponde à noção original de tempo de referência de Reichenbach (1947).

deverá ser menos vezes convocado. O quadro seguinte resume o que acaba de ser dito:

120

	INGLÊS	PORTUGUÊS	
Classe aspetual	Enunciado onde ocorre o PP	Tempo verbal	Tradução
Estados	I've been here for 2 hours.	PI	Estou aqui há duas horas.
	Paul has been ill.	PPC	O Paul tem estado doente.
	Clara has lived in Lousã.		O Paul esteve doente. A Clara viveu na Lousã.
Atividades	I've worked for 3 hours.	PPS	Trabalhei durante 3 horas.
"Accomplishments" e "Achievements"	Max has built a house. The President has resigned.		O Max construiu uma casa. O Presidente demitiu-se.

Figura 6 - Tempos verbais portugueses convocados para a tradução do PP

Ao traduzirmos o PP pelo PPS, verificamos a possibilidade de ocorrência de "já" na tradução. Veja-se um exemplo:

- (3) I've found my ring.
- (4) *Já* encontrei o meu anel.

Lopes (2003:417), a propósito da combinação de "já" com descrições de eventos, refere-se à "descrição perfeitiva ou acabada do evento" e "ao estado consequente que se focaliza e se apresenta como relevante".

Verifica-se que em português existe uma estrutura que, por incluir igualmente o particípio passado, "traduz" cabalmente o valor semântico do PP. Trata-se das passivas adjetivais (também denominadas, precisamente, "passivas de estado" ou "passivas resultativas") que "focalizam o estado resultante da transição sofrida" (Duarte 2003: 535). Vejam-se os seguintes enunciados:

- (5) He has won the race.
- (6) A corrida está ganha.

2.3 Contexto em que ocorre o processo de ensino-aprendizagem do “Present Perfect”

As condições de aprendizagem das línguas estrangeiras em Portugal não favorecem a sua assimilação. Na verdade, a exposição ao “input” é predominantemente feita em contexto instrucional, pelo que se trata de um “input” escasso e insuficiente para uma aprendizagem de Língua Estrangeira (LE) eficiente, já que, e de acordo com grande número de autores, o sucesso da aprendizagem de uma LE está em relação direta com a quantidade de “input” a que o sujeito está exposto (cf. Lightbown 2003, White 2003, R. Ellis 2005, Gass & Selinker 2008, entre outros). Por outro lado, trata-se fundamentalmente de um “input” não-nativo (professor) e/ou mesmo agramatical (pares), existindo uma reduzidíssima ou nula interação dos aprendentes com falantes nativos, pois são muito raras, ou mesmo inexistentes, as oportunidades de produção em contextos comunicativamente relevantes e naturais.

121

A população sob escrutínio teve a sua primeira exposição estruturada à LE por volta dos dez anos, circunstância esta que é bastante pertinente, uma vez que convoca outro tipo de reflexão, concretamente a que diz respeito a condições de desenvolvimento cognitivo e psicolinguístico dos sujeitos aquando da sua exposição ao “input” de língua inglesa, no contexto e nas condições descritas.

Autores como Ullman (2001, 2004) e Paradis (1994), entre outros, atestam uma diferença na qualidade de assimilação de uma Língua Materna (LM) e de uma Língua Não-Materna (LNM). A aquisição linguística feita pelas crianças - “aquisição” (cf. Krashen 1981) – traduz-se num conhecimento implícito, adquirido “incidentally”, armazenado implicitamente e usado automaticamente. Um tipo de conhecimento distinto é o que predomina na assimilação de uma LNM e que é aprendido conscientemente, armazenado explicitamente, podendo ser usado de uma forma controlada (cf. Paradis 2004:61) – “aprendizagem” (cf. Krashen 1981). É um conhecimento do tipo “know that”, um “saber sobre” (Martins 2008). Quando o conhecimento é qualitativamente aprendido desta forma, o indivíduo está concentrado nos itens que está a aprender e evidencia, por essa razão, a capacidade de, ulteriormente, descrever esse conhecimento.

O conhecimento adquirido e o conhecimento aprendido distinguem-se ainda pelos sistemas de memória que os suportam: o conhecimento implícito é armazenado na memória de tipo procedimental, ao contrário do conhecimento explícito que é armazenado na memória, também de longo prazo, mas de natureza declarativa (cf. Ullman 2001). Assim sendo, a capacidade da população alvo de assimilar conhecimentos gramaticais por via procedimental será já menor do que em idades mais precoces, passando a memória declarativa a exercer um papel bastante mais preponderante neste processo assimilatório.

Para além do fator idade, hoje em dia, é comumente aceite que existem igualmente outros fatores que podem afetar o processo de aprendizagem de uma LE — a LM, particularidades da Língua-Alvo (LA), atitude, motivação, aptidão para as línguas, ou outras línguas já assimiladas pelos aprendentes.

3. Trabalho Experimental

O trabalho experimental foi realizado com uma amostra de 209 informantes falantes nativos de português europeu, de um universo de 2.151 alunos a frequentar, no ano letivo 2009/2010, o ensino regular em escolas oficiais no Concelho de Coimbra. Cerca de metade dos inquiridos estava a frequentar o 9º ano de escolaridade (ano de conclusão do Ensino Básico) e a outra metade o 11º (que, para a maioria dos alunos, representa o último ano do Ensino Secundário em que o Inglês faz parte dos seus currículos). Desde modo, todos tinham pelo menos quatro anos de exposição à língua-alvo (o inglês) em ambiente instrucional. Por outro lado, os informantes tinham, aquando da aplicação dos inquéritos, idades superiores a 13 anos, o que significa que tinham uma idade que não lhes permitia assimilar uma LE com a mesma qualidade com que assimilaram a sua LM, isto é, de forma automática e sem esforço, pela mera exposição ao “input” linguístico.

O trabalho fundamentou-se em cinco questionários, com dez perguntas cada⁸¹. No sentido de conseguirmos resultados mais genuínos, para cada

⁸¹ Apresentam-se em anexo os referidos inquéritos.

questionário foram feitas duas versões (A e B) que se distinguem entre si apenas pela ordem das opções. Convém ainda esclarecer que os resultados obtidos foram considerados corretos ou incorretos, seguindo critérios decorrentes de todos os princípios por nós defendidos no que diz respeito ao valor semântico do PP, a saber: o valor semântico do PP é o de focalizar um estado resultante de uma eventualidade ocorrida na esfera do passado, estado esse que tem relevância no presente (ou no momento da enunciação).

123

As tarefas que os informantes tinham de desempenhar em cada um dos questionários (I a V) eram as seguintes:

- I - escolher, de entre as três opções que lhes foram dadas, qual a frase em português que melhor se associava à situação descrita pela frase apresentada em inglês. Constavam deste questionário dez enunciados em inglês em que o PP coocorria com predicadores que, ao nível do seu valor aspectual básico, pertenciam a diferentes classes aspectuais;
- II - escolher, de entre três opções dadas, a tradução correta do enunciado apresentado em inglês. Em todos estes enunciados ocorria o PP, mas os predicadores pertenciam a classes aspectuais básicas diferentes;
- III - escolher uma de três opções no sentido de completar um enunciado inglês. Existia sempre (i) uma opção correta com o verbo no PP; (ii) uma opção agramatical em que a anomalia residia no auxiliar “have”; (iii) uma outra opção agramatical em que a anomalia residia no particípio passado;
- IV - escolher a melhor opção para retroverter a frase sublinhada de um enunciado em português. Estes enunciados originais variavam entre si pelo facto de a situação ser descrita por tempos verbais diferentes: PPS, PPC e PI. Por outro lado, para cada enunciado os informantes podiam sempre optar entre um enunciado onde ocorresse o PP, o “Past Simple” ou o “Present Simple”;
- V - completar semanticamente enunciados em português com uma das três opções dadas em inglês. Estas opções compreendiam sempre um enunciado onde ocorria o PP, outro onde ocorria o “Past Simple” e um outro onde ocorria um tempo verbal de uma esfera temporal diferente.

O trabalho experimental veio corroborar as hipóteses de trabalho apresentadas, designadamente de que (i) os informantes interiorizam o PP com o mesmo valor semântico do “Past Simple”; (ii) o conhecimento morfológico do PP é necessário, mas não suficiente para a assimilação da sua semântica; e (iii) a língua materna é uma fonte de transferência linguística, pelo que a não equivalência dos dois sistemas verbais em causa se manifesta de diversos modos, nomeadamente em tarefas centradas na tradução e na retroversão⁸².

4. Implicações didáticas

Na sequência dos fundamentos teóricos e do trabalho experimental apresentados, as propostas de atividades de didatização do PP tiveram em consideração os seguintes princípios: (i) o PP focaliza um estado resultante de uma eventualidade; (ii) não há correspondência direta entre o PP e um tempo verbal português; (iii) a motivação é essencial para o ensino eficaz de uma língua estrangeira; (iv) num contexto instrucional, a língua estrangeira deve ser explicitamente ensinada, não se negando, todavia, a importância de um ensino que vise promover a assimilação implícita de estruturas linguísticas de uma LNM (cf. N. Ellis 2005, 2007, 2008; Ellis & Bogart 2007, Gass & Selinker 2008, entre outros).

Para fazer face às dificuldades diagnosticadas e sustentadas pelo quadro teórico apresentado, as atividades didáticas propostas deverão ser exemplificativas de um ensino que consideramos motivador. Na verdade, Paradis (2004), R. Ellis (2005), mas também a nossa própria experiência como docente aconselham-nos a não negligenciar o fator “motivação” na construção e na utilização de recursos pedagógicos que pretendemos eficazes.

Assim sendo, com o objetivo primordial de dar a conhecer o valor semântico do PP e de esclarecer o conceito de “estado resultante”, propomos que o material pedagógico seja ilustrativo da relação de contingência que

⁸² Dados os limites de espaço definidos, remetemos o leitor interessado para a dissertação de doutoramento onde estão devidamente tratadas as respostas obtidas nos inquéritos.

existe entre o estado consequente e a eventualidade que lhe dá origem. Uma forma porventura eficaz de transmitir esta noção de estado resultante será associar um enunciado onde ocorre o PP a um outro enunciado onde ocorre o “Present Simple” e em que a localização da situação descrita na esfera do presente é mais clara. Será o caso de materiais em que uma frase em que ocorre o “Present Simple” e/ou uma imagem remetem para um estado resultante no presente de uma eventualidade ocorrida na esfera do passado. Veja-se um exemplo:

125

He (rob) a bank. He's behind bars.



Figura 7 – Apresentação/Aplicação do conceito de “estado resultante”.

No que diz respeito à oposição PP/“Past Simple”, e suportados pela descrição dos traços aspeto-temporais apresentada por Kamp & Reyle (1993), será positiva a construção de uma ficha informativa, em que fique claro o que distingue um e outro tempos verbais: (i) o PP é um tempo verbal da esfera do presente, ao passo que o “Past Simple” é um tempo verbal da esfera do passado; (ii) o PP refere-se a um estado consequente que está relacionado de forma contingente com uma culminação, ao contrário do “Past Simple”, que localiza a situação descrita num intervalo de tempo anterior ao momento de enunciação. Veja-se um par de exemplos ilustrativo dessa oposição:



He has broken his leg. It is in plaster now.



He broke his leg five years ago.

Figura 8 – Oposição PP/“Past Simple”

Para superar a dificuldade decorrente de não existir um tempo verbal português com o mesmo valor semântico do PP, consideramos essencial que seja explicitamente mostrado aos aprendentes que existem três tempos verbais que, conforme as predicacões, traduzem o PP. Mais uma vez, poderá ser construída uma ficha informativa na qual são dados exemplos com diferentes classes aspectuais de predicadores e com diferentes traduções. Vejam-se alguns desses enunciados com as respetivas traduções:

- (8) They have built a house.
 (9) Eles construíram uma casa. (PPS)
- (10) She has lived in New York since 2003.
 (11) Ela vive em Nova Iorque desde 2003. (PI)
- (12) He has been ill.⁸³
 (13) Ele tem estado doente. (PPC)
 (14) Ele esteve doente. (Pretérito Perfeito Simples)

Referências

- Comrie, B. (1976). *Aspect: An Introduction to the Study of Verbal Aspect and Related Problems*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Cunha, L.F. (2004). Semântica das predicacões estativas. Para uma caracterização aspectual dos estados. Tese de Doutoramento. Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Porto.
- Duarte, I. (2003). A família das construções inacusativas. In: M.H.M., Mateus, A. M. Brito, I. Duarte & I. H. Faria (orgs). *Gramática da língua portuguesa*. Lisboa: Caminho, 533-535.
- Ellis, N. (2005). At the interface: Dynamic interactions of explicit and implicit language knowledge. *Studies in second language acquisition*, 27:2, 305-352.
- Ellis, N. (2007). The weak-interface, consciousness, and form-focused instruction: Mind the doors. In: S. Fotos e H. Nassaji (Eds.). *Form-focused Instruction and Teacher Education: Studies in Honour of Rod Ellis*. Oxford: Oxford University Press, 17-34.

⁸³ A possibilidade de podermos recorrer a dois tempos verbais portugueses para traduzir este enunciado advém do facto de “be ill” ser um predicador estativo pouco faseável. O conceito de “faseabilidade” deve-se a Cunha (2004) e está associado ao conceito de Rede aspectual de Moens (1987). Cunha considera que os estados com o traço [+faseável] são aqueles que “podem ser convertidos em processos (termo de Moens para “atividades”), ‘absorvendo’, assim, o traço [+dinâmico]” (Cunha 2004:86).

- Ellis, N. (2008). Implicit and explicit knowledge about language. In: J. Cenoz e N.H. Hornberger (eds.). *Encyclopedia of Language and Education* (Vol. 6). Heidelberg: Springer Scientific, 1-13.
- Ellis, N. & P. Bogart (2007). Speech and language technology in education: The perspective from SLA research and practice. *SLaTE*, 1-8.
- Ellis, R. (2005). Principles of instructed language learning. *System* 33, 209-224.
- Gass, S.M. & L. Selinker (2008). *Second Language Acquisition: An Introductory Course* (3^a ed.). New York: Routledge.
- Kamp, H. & U. Reyle (1993). *From Discourse to Logic. Introduction to Modeltheoretic Semantics of Natural Language, Formal Logic and Discourse Representation Theory*. Dordrecht: Kluwer.
- Krashen, S. (1981). *Second Language Acquisition and Second Language Learning*. Oxford: Pergamon Press.
- Lightbown, P. (2003). SLA research in the classroom/SLA research for the classroom. *Language Learning Journal* 28, 4-13.
- Lopes, A.C.M. (2003). Elementos para uma análise semântica das construções com *já*. In: Ivo Castro e I. Duarte (orgs.). *Razões e emoção* (Vol I). Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 411-428.
- Martins, C. (2008). *Línguas em contacto: "saber sobre" o que as distingue*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra.
- Moens, M. (1987). *Tense, aspect and temporal reference*. PhD dissertation, University of Edinburgh.
- Moens, M. & M. Steedman (1988). Temporal ontology and temporal reference. *Computational Linguistics* 14: 2, 15-28.
- Paradis, M. (1994). Neurolinguistic aspects of implicit and explicit memory: implications for bilingualism and SLA. In: N. Ellis (ed.) *Implicit and Explicit Learning of Languages*. London: Academic Press, 393-419.
- Paradis, M. (2004). *A Neurolinguistic Theory of Bilingualism*. Amsterdam: John Benjamins, 7-61.
- Reichenbach, H. (1947). The tenses of verbs. In: H. Reichenbach (ed.). *Elements of Symbolic Logic*. New York: The MacMillan Company, 287-298.
- Smith, C.S. (1991). *The Parameter of Aspect*. Dordrecht: Kluwer
- Steedman, M. (2005). The productions of time: Temporality and causality in linguistic semantics. Ms, University of Edinburgh.
- Swart, H. de (2000) Tense, aspect and coercion in a cross-linguistic perspective. In: M. Butt and T. H. King (eds.) *Proceedings of the Berkeley Formal Grammar Conference*. Stanford, CA: CSLI.
- Swart, H. de (2007). A cross-linguistic discourse analysis of the Perfect. *Journal of Pragmatics* 39: 12, 2273-2307.
- Ullman, M.T. (2001). The declarative/procedural model of lexicon and grammar. *Journal of Psycholinguistic Research* 30: 1, 37-69.
- Ullman, M.T. (2004). Contributions of memory circuits to language: the declarative/procedural model. *Cognition* 92, 231-270.
- Vendler, Z. (1967) Verbs and times. In: *Linguistics in Philosophy*. Ithaca, New York: Cornell University Press, 97-121.
- White, Lydia (2003). On the nature of interlanguage representation: Universal Grammar in the L2. In: Doughty, C. & M. H. Long (eds.). *The Handbook of Second Language Acquisition*. Malden, MA: Blackwell Publishing, 53-83.

ANEXO

Os cinco questionários que se seguem destinam-se a um trabalho de investigação sobre o sistema verbal inglês. Cada questionário tem 10 perguntas de escolha múltipla. Responda, por favor, a todas as perguntas. Obrigada!

I - Indique qual das frases em português (a, b ou c) melhor se associa à situação apresentada na frase em inglês

128

1. **She has bought a red car.**
 - a. Ela já teve um carro vermelho.
 - b. Ela agora tem um carro vermelho.
 - c. Ela vai ter um carro vermelho.
2. **The house has been empty for several months.**
 - a. A casa está cheia de ervas daninhas à volta porque não vive lá ninguém há que tempos.
 - b. Com o preço que estão a pedir, depois de saírem a casa vai ficar abandonada muito tempo.
 - c. A casa esteve sem ninguém muito tempo — mais ou menos de Setembro a Fevereiro do ano passado.
3. **They have built a summer house in Mira.**
 - a. Eles passavam as férias em Mira, quando tinham lá uma casa.
 - b. Eles vão para Mira passar férias, assim que tenham lá uma casa.
 - c. Eles costumam passar as férias numa casa que têm em Mira.
4. **Mary has lived in Amsterdam.**
 - a. A Mary viveu na Holanda quando era ainda bebé.
 - b. A Mary fala bem holandês porque viveu na Holanda.
 - c. A Mary vai viver para a Holanda depois de casar.
5. **I've found my ring.**
 - a. Encontrei o anel, mas já o perdi outra vez.
 - b. Hei de encontrar o meu anel.
 - c. Encontrei o anel. Olha, não é bonito?
6. **I've read that book.**
 - a. Acho que li esse livro quando andava na Primária, mas já nem me lembro da história.
 - b. Comprei este livro para ler nas próximas férias.
 - c. Comprei-te este livro porque gostei muito de o ler.
7. **I've been here for two hours.**
 - a. Estive à espera dele desde as 5. Às 7 fui-me embora.
 - b. Estou aqui desde as 9. Já são 11. Vou-me embora.
 - c. Vou para lá às 2. Às 4 venho-me embora.
8. **The apples have all been eaten.**
 - a. — Dás-me uma maçã?
 — Já não há.
 - b. — Dás-me uma maçã?
 — Toma, comprei-as hoje de manhã porque já não havia.
 - c. — Dás-me uma maçã?
 — Toma duas para ver se acabam.
9. **Fernando has lived in Aveiro since 2005.**
 - a. O Fernando viveu em Aveiro, mas agora vive em Coimbra.
 - b. O Fernando tenciona ir viver para Aveiro.
 - c. O Fernando viveu em Coimbra, mas agora vive em Aveiro.
10. **Jane has broken her leg..**
 - a. A Jane já nem se lembrava que tinha andado de muletas quando era miúda.
 - b. A Jane caiu há dois dias e agora anda de muletas.
 - c. Se a Jane não tiver cuidado ainda cai e depois tem de andar de muletas.

II – Escolha a tradução correta das frases em inglês.

1. **George has lived in Lisbon for 5 years.**
 - a. O George viveu em Lisboa durante 5 anos.
 - b. O George tem vivido em Lisboa desde há 5 anos.
 - c. O George vive em Lisboa há 5 anos.
2. **Bill has won the race.**
 - a. O Bill tem ganho a corrida.
 - b. O Bill ganhou a corrida.
 - c. O Bill ganha a corrida.
3. **Peter has painted a marvellous picture.**
 - a. O Peter pintou um quadro maravilhoso.
 - b. O Peter pinta um quadro maravilhoso.
 - c. O Peter tem pintado um quadro maravilhoso.
4. **I've loved the film.**
 - a. Tenho adorado o filme.
 - b. Adoro o filme.
 - c. Adorei o filme.
5. **I've been here before.**
 - a. Já estive aqui.
 - b. Tenho estado aqui.
 - c. Estou aqui.
6. **My son has lost the key.**
 - a. O meu filho tem perdido achave.
 - b. O meu filho perdeu a chave.
 - c. O meu filho perde a chave.
7. **I've known him since 1984.**
 - a. Conheço-o desde 1984.
 - b. Tenho-o conhecido desde 1984.
 - c. Conheci-o em 1984.
8. **Anne has written a good composition.**
 - a. A Anne escreveu uma boa composição.
 - b. A Anne escreve uma boa composição.
 - c. A Anne tem escrito uma boa composição.
9. **She has known his password for years.**
 - a. Ela soube a senha dele há anos.
 - b. Ela sabe a senha dele há anos.
 - c. Ela tem sabido a senha dele há anos.
10. **John has lived in Paris.**
 - a. O John vive em Paris.
 - b. O John tem vivido em Paris.
 - c. O John viveu em Paris.

III - Preencha o espaço com a), b) ou c).

1. Peter ... a letter to his father.
 - a. has wrote
 - b. has written
 - c. have written
2. Jane ... a 5€ note.
 - a. have found
 - b. has finded
 - c. has found
3. Susan ... them for the party.
 - a. has invited
 - b. have invited
 - c. has invite
4. The Stuarts ... to the USA.
 - a. have been
 - b. have went
 - c. has been
5. My dog ... a vase.
 - a. has broken
 - b. have broken
 - c. has broken
6. Mr and Mrs Jones ... a new house.
 - a. have buyed
 - b. have bought
 - c. has bought
7. Many students ... the homework.
 - a. has done
 - b. have do
 - c. have done
8. Max ... in London for 10 years.
 - a. have lived
 - b. has live
 - c. has lived
9. Janet and Carol ... a cake.
 - a. has made
 - b. have made
 - c. have make
10. Fred ... in the story.
 - a. have believed
 - b. has believe
 - c. has believed

129

IV – Escolha a tradução correta das frases que estão sublinhadas.

1. O António saiu às 11.
 - a. António left at 11.
 - b. António has left at 11.
 - c. António leaves at 11.
2. O Luís vive no Porto há 10 anos.
 - a. Luís lives in Porto for 10 years.
 - b. Luís lived in Porto for 10 years.
 - c. Luís has lived in Porto for 10 years.
3. O Manuel viveu em Paris. Conhece quase todos os museus parisienses.
 - a. Manuel has lived in Paris.
 - b. Manuel lives in Paris.
 - c. Manuel lived in Paris.
4. A Mariana tem estado doente.
 - a. Mariana was ill.
 - b. Mariana has been ill.
 - c. Mariana is ill.
5. A Maria ganhou a corrida. Está no pódio a receber a medalha.
 - a. Maria has won the race.
 - b. Maria wins the race.
 - c. Maria won the race.
6. Encontrei os bilhetes ontem.
 - a. I've found the tickets yesterday.
 - b. I find the tickets yesterday.
 - c. I found the tickets yesterday.
7. Encontrei o livro. Podes levá-lo.
 - a. I find the book.
 - b. I've found the book.
 - c. I found the book.
8. O Miguel tem sido simpático.
 - a. Miguel has been nice.
 - b. Miguel was nice.
 - c. Miguel is nice.
9. Estou aqui desde as 5.
 - a. I'm here since 5.
 - b. I was here since 5.
 - c. I've been here since 5.
10. O Rui esteve doente há duas semanas.
 - a. Rui has been ill two weeks ago.
 - b. Rui is ill two weeks ago.
 - c. Rui was ill two weeks ago.

1. A Patrícia vai a Braga, mas precisava de saber o caminho da estação até à Universidade. Então, o Miguel sugere-lhe que fale com a Teresa, porque
 - a. Teresa has lived in Braga.
 - b. Teresa would live in Braga
 - c. Teresa lived in Braga.
2. A Joana quer levar o filho de 13 anos ao cinema, mas não tem a certeza se o filme é apropriado para a idade dele. Pergunta a opinião ao irmão mais velho. Ele acha que ela pode levar o filho e explica:
 - a. I'll see that film when I'm 12.
 - b. I've seen that film when I was 12.
 - c. I saw that film when I was 12.
3. A Ana pergunta ao João o que é que a Maria tem de diferente e o João responde:
 - a. She has had her hair cut.
 - b. She'll have her hair cut.
 - c. She had her hair cut.
4. O Luís costumava dar boleia ao Fernando porque este não tinha carro. Porém, um dia o Fernando diz-lhe que já não precisa de boleia e explica:
 - a. I would buy a car.
 - b. I've bought a car.
 - c. I bought a car.
5. A Maria trabalha numa empresa e o Paulo começou hoje a trabalhar lá. Apresentam-se e o Paulo pergunta-lhe se aquele foi o seu primeiro emprego. Ela diz que não e acrescenta:
 - a. I've worked in a shop last Christmas.
 - b. I worked in a shop last Christmas.
 - c. I was going to work in a shop last Christmas.
6. O Rui pergunta por que razão a Clara está a faltar. Respondem-lhe que ela está de licença porque:
 - a. Clara had a baby.
 - b. Clara would have a baby.
 - c. Clara has had a baby.
7. A Sandra e a Diana estão a ver fotografias da juventude da Sandra. Quando aparece uma com a Torre Eiffel, ela diz:
 - a. This is in 2002 when I visited Paris.
 - b. This is in 2002 when I've visited Paris.
 - c. This is in 2002 when I'll visit Paris.
8. A Catarina e a mãe passam por um jovem que as cumprimenta. A mãe da Catarina não o reconhece e pergunta quem é. A Catarina explica-lhe que é o Pedro que foi colega dela, há 15 anos, quando ambos tinham 5 anos e acrescenta: não o reconheceste porque
 - a. He'll grow up.
 - b. He has grown up.
 - c. He grew up.
9. O Pedro conhece a Ana numa festa e esta diz-lhe que está a viver em Coimbra há poucos anos e explica
 - a. I lived in Faro until 2002.
 - b. I've lived in Faro until 2002.
 - c. I'm going to live in Faro until 2002.
10. A Paula diz à Carla: "Não te imaginava a tomar conta de crianças. Estás mais madura". A Carla responde:
 - a. Yes, I'll change.
 - b. Yes, I changed
 - c. Yes, I've changed